Memória e estudos autobiográficos¹

Eliane Marta Teixeira Lopes

Resumo

O artigo apresenta exemplos da produção memorialista de Minas Gerais, destacando seus aspectos míticos e imaginários e também a reflexão feita sobre o gênero nas obras. A autobiografia, inscrita sob outros nomes, é hoje, tanto peça literária quanto peça de comunicação entre as pessoas e fonte para estudos históricos e literários. Partindo dessa visão, a autora interroga o que fazer do resto, como organizar os arquivos e o que esses representam.

Palavras-chave: autobiografias, produção memorialista.

Abstract

This article deals with examples of memorial production of Minas Gerais, detaching its myths and imaginary aspects, and also the thinking about gender in this production. Nowadays, auto-biography, even under other denomination, is literary writing as well as communication between people and resource for historical and literary studies. Starting from this point of view, the author asks "what to do with the remaining portion", how to organise the archives and what they represent.

Key-words: auto-biographies; memorial production.

¹ Texto produzido para o livro "A Aventura Autobiográfica – teoria e prática", no prelo, apresentado em primeira mão em Mesa Redonda "Memória e Pesquisa Autobiográfica", coordenada pela Dr^a Maria Helena Menna Barreto Abrahão, no IX Encontro Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação, que teve como tema geral História da Educação, literatura e memória, realizado na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, dias 5 e 6 de junho de 2003, com promoção da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação – ASPHE e da Linha de Pesquisa Fundamentos, Políticas e Práticas da Educação Brasileira do Programa de Pós-Graduação em Educação da PUCRS. Este texto é para Mirian Christus, cúmplice nesses assuntos.

*Que paciência poderei eu ter, como apascentar
estes vagares do tempo, velando a história
como se fosse um menino que não crescerá?*²

I

Como todos sabem, memória é palavra que tem muitas acepções. Memória é área de estudo da psicologia; é linguagem informática. Os materiais têm memória (assim dizem os engenheiros e eu acredito); o corpo tem memória (assim dizem os fisioterapeutas e eu acredito). Memória não se separa de esquecimento, quando é de psicanálise que se trata. A memória faz parte da história³ e historiografia em todas as suas especialidades e com ela toda a carga de lembranças, suvenires, esquecimentos, alegrias e dores. Assim mesmo, tudo no plural. A lembrança e o esquecimento são singulares, por isso têm de ser inscritos assim, plurais sempre.⁴

Mas memória é também relação, relato, narração, e então existem os memorialistas (os que escrevem Memórias⁵) e o memorialismo (tanto o conjunto de Memórias quanto seus estudos). Antes de passar à segunda parte falo um pouco do memorialismo em Minas Gerais.⁶

A Memória em MG expressa a ligação exagerada com o passado, fruto do processo tanto de ruralização quanto de urbanização, ambos lentos e perigosos. Esse ritmo concorreu para conservar, nas mentes e corações, imagens tanto gloriosas quanto martirizantes do passado. "O memorialismo mineiro será nutrido, em grande parte, pela revivescência ritual desse passado." Mineirismo, mineirice, mineiridade são os frutos desse amálgama entre passado e presente, criadores e criaturas do imaginário e pensamento mítico. As Memórias mostram mais que uma ligação ao lugar, mostram o pertencimento a uma "mineiridade" e expressam compromisso, tanto com o literário quanto com o mítico.

² SAMPAIO, Márcio. *O Labirinto da rosa de Viena*. (Inédito).

³ Não pode deixar de ser lembrado o já clássico artigo de Jacques Le Goff, Memória. Enciclopédia Einaudi, Vol. I Memória/História. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984. Cf. também WEINRICH, Harald. *Lete. Arte e crítica do esquecimento*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2001.

⁴ **Singular**: pertencente ou relativo a um; único, particular, individual. **Particular**: pertencente ou relativo apenas a certos seres vivos ou a certa(s) pessoa(s) ou coisa(s); peculiar, próprio, específico, especial.

⁵ Em maiúscula sempre que se referir ao produto: relato, narração.

⁶ Baseio-me aqui no artigo de ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. Minas: tempo e memória. In: *O eixo e a roda*: Revista de literatura brasileira. Belo Horizonte, Faculdade de Letras da UFMG, 1982.

Uma vasta produção memorialista permite que em Minas encontremos um dos maiores memorialistas brasileiros, Pedro Nava. Nava não só produz a memória e Memórias quanto produz indagações e reflexões sobre o gênero memorialístico.

*Nesse terreno a sinceridade se impõe porque escrever memórias é um ajuste de contas do eu com o eu e é ilícito mentir a si mesmo. [...] Escrever memórias é animar e prolongar nosso alter ego. [...] deixar claro no leitor, a concepção do que considero memórias. Para quem quer escrevê-las sendo leal consigo mesmo - há que fazer tábua rasa das imposições familiares, das vexações do interesse material, do constrangimento idiota da vida social. [...] É preciso continuar fiéis à nossa verdade mesmo quando ela aborrece e desagrada porque é assim que ela nos ajuda, paradoxalmente, a praticar ato de amor com os inimigos - fazendo a terapêutica cirúrgica de seu esquecimento. Extirpando-os. Amputando-os. Erradicando-os. [...] O que convém dizer é que lembrando estamos provocando o esquecimento. Depois de escrito, o que foi ressuscitado estará então definitivamente morto.*⁷

A tentação de continuar copiando Pedro Nava é grande. Sua escrita é elegante, seu texto é denso, o passado contado é delicioso. As duas últimas frases citadas - *O que convém dizer é que lembrando estamos provocando o esquecimento. Depois de escrito, o que foi ressuscitado estará então definitivamente morto* - evocam o que há de mais contemporâneo na reflexão historiográfica apoiada na psicanálise.⁸ Em anexo ao *Beira Mar* adiciona: *A mim - memorialista, cuja condição é ter um pé na história e outro na ficção - basta esta interpretação que eterniza as sabinas e torna arbitrárias as datas de sua inserção no Tempo.* E há o que se ler de Paul Ricoeur e (novamente) de Michel de Certeau para teorizar essa relação tempo, narrativa, história, ciência e ficção que Pedro Nava disse em uma frase.⁹

Houve outro mineiro que preferiu dizer em versos suas memórias: Carlos Drummond de Andrade. O texto drummondiano exerceria uma função quase sempre presente na obra memorialística em geral: encarnaria a dimensão paradigmática do 'conselho sábio': a consideração do passado fornece os precedentes do problema proposto pelo presente e prevê

⁷ NAVA, Pedro. *Beira-mar*. Memórias IV. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985. 3. ed. p. 198-199.

⁸ CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro, Forense universitária.1982. LOPES, Eliane Marta Teixeira. *Memória do esquecimento*. (texto não publicado).

⁹ RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. Michel de Certeau. *Histoire et psychanalyse entre science et fiction*.

as conseqüências no futuro.¹⁰ Não é esse sábio conselho que alguns reivindicavam para a história tempos atrás?

Em *Boitempo* e *Menino Antigo* reúne poemas de memórias: casos, cenas, emoções narradas ou poetizadas por sua testemunha principal.¹¹ Esses poemas são uma fonte indispensável para o estudo da História da Educação em Minas Gerais. Em *Sentimento do Mundo* explica o desejo do memorialista:

MUNDO GRANDE

Não, meu coração não é maior que o mundo.

É muito menor.

Nele não cabem nem as minhas dores.

Por isso gosto tanto de me contar.

Por isso me dispo,

por isso me grito,

por isso freqüente os jornais, me exponho cruamente nas livrarias:

preciso de todos.

O terceiro poema de *Boitempo*¹², publicado em 1968, mostra (ufa! escapei do explica) a relação entre tempo e memória/narrativa na criação de Memórias:

INTIMAÇÃO

Você deve calar urgentemente

as lembranças bobocas de menino.

Impossível. Eu conto o meu presente.

Com volúpia voltei a ser menino.

Em *Primeiro Colégio*, *Fria Friburgo* e *Mocidade Solta* estão suas lembranças de escola, estudos, internatos, professores e colegas, passeios, com exceção de um ou outro poema fora desses em que escorregaram ou transbordaram protestos e considerações:

CLASSE MISTA

"Meninas, meninas,

do lado de lá.

Meninos, meninos,

Do lado de cá."

Por que sempre dois lados,

corredor no meio,

¹⁰ OLIVEIRA, Maria Eugênia Dias de. O espaço da memória em Carlos Drummond de Andrade. In: *O eixo e a roda*: Revista de literatura brasileira. Belo Horizonte, Faculdade de Letras da UFMG, 1982. p. 151.

¹¹ OLIVEIRA, Maria Eugênia Dias de. O espaço da memória em Carlos Drummond de Andrade. In: *O eixo e a roda*: Revista de literatura brasileira. Belo Horizonte, Faculdade de Letras da UFMG, 1982.

¹² ANDRADE, Carlos Drummond de. *Boitempo*. In: *Poesia e Prosa organizada pelo autor*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1992. Os títulos que se seguem estão nas seguintes páginas: Intimação: 43. Primeiro Colégio: 643. Fria Friburgo: 654. Mocidade Solta: 685.

professora em frente,
e o sonho de um tremor de terra que só acontece em Messina,
jamais, jamais em Minas,
para, entre escombros, me ver
junto de Conceição até o fim do curso?

Mas entre a prosa de Drummond encontramos uma *Autobiografia para uma revista*¹³:

Convidado pela Revista Acadêmica a escrever minha autobiografia, relutei a princípio, por parecer que esse trabalho seria antes de tudo manifestação de impudor. Refleti logo, porém, que, sendo inevitável a biografia, era preferível que eu próprio a fizesse, e não outro. [...]

Isto posto, declaro que nasci em Itabira, Minas Gerais, no ano de 1902, filho de pais burgueses, que me criaram no temor de Deus.

A pequena autobiografia vai contando, discretamente, como era o jeito do poeta, as circunstâncias de produção de sua obra até então e como se vê como poeta: *não me julgo substancialmente e permanentemente poeta. [...]*

Creio (mas faltam-me estudos aprofundados) que em Drummond o espaço mítico de que falei acima é contraditório, entre o odiado e o amado; o esquecido/lembrado e o recalçado, se lembramos, aqui e ali, versos seus:

Itabira é apenas um retrato na parede mas como dói...
Quer ir para Minas
Minas não há mais...
E o fato de não ter mais voltado, nunca mais.

Memorialista mineiro notável é também Cyro dos Anjos. Cyro Versiani dos Anjos, era mineiro de Montes Claros, Santana do Rio Verde, onde nasceu em 5 de outubro de 1906, e faleceu em 04.08.94, no Rio de Janeiro, onde morava. cursou os primeiros anos escolares em sua terra natal, tendo se formado em Direito em Belo Horizonte, MG em 1932. Como outros mineiros de sua geração foi funcionário público, professor, diplomata e membro da Academia Brasileira de Letras a partir de 1969, na Cadeira que pertenceu a Manoel Bandeira. Em Belo Horizonte, Cyro dos Anjos foi do grupo formado por Carlos Drummond de Andrade, Emílio Moura e Alphonsus de Guimaraens. Escreveu *O Amanuense Belmiro* (1937); *Abdias* (1945); *Montanha* (1950); *Explorações no Tempo* (1952); *A Menina do Sobrado* (1979).

Seu primeiro romance, *O Amanuense Belmiro*¹⁴, é escrito como se fosse o diário desse personagem/narrador que *mira* a vida, não a vive de

¹³ ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia e Prosa organizada pelo autor*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1992. p. 1344.

¹⁴ ANJOS, Cyro dos. *O amanuense Belmiro*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1994.

verdade. Em estudo publicado no volume do romance, Antonio Cândido confere-lhe grande qualidade e diz que:

é uma obra prima, sem dívida alguma. A impressão de acabamento, de segurança, de equilíbrio, de realização quase perfeita revelam o artista profundamente consciente das técnicas e dos meios de seu ofício, possuidor de uma visão pessoal das coisas, lentamente cristalizada no decorrer de longos anos de meditação e estudo. Porque esse romance é o livro de um homem culto.

A trajetória de Belmiro mostra um homem infeliz, burocrata de reduzidas ambições, que, segundo A. Cândido, chegou ao estado de paralisia por excesso de análise. "Morreu à míngua, de excesso."¹⁵ Essa análise cotidiana, sobre seu cotidiano e dos que o cercam, leva-o a concluir que não adianta pensar em como as coisas seriam melhores se não fossem o que são, e assim "A verdade está na rua Erê".¹⁶ E recita o poeta, amigo e contemporâneo: *Mundo mundo, vasto mundo/Se eu me chamasse Raimundo/Seria uma rima, não seria uma solução/Mundo mundo, vasto mundo/ Mais vasto é o meu coração.* Aos 31 anos, em 1937, faz, 'como que', o diário do seu próprio futuro.

*Dediquei todo o domingo à leitura dos quatro cadernos de que já se compõe esta espécie de Diário. Não havendo outras, uma vantagem encontraremos em deixar no papel o registro dos acontecimentos de nossa vida: veremos surgir aos nossos olhos, para instrução e advertência nossa, um ser bem diferente daquele que supúnhamos encarnar. Quantas contradições, quão diversos estados de espírito, que inexperiência, que desconhecimento de nós próprios! Há pouco mais de um ano escrevi a primeira página. Outras se sucederam com largos intervalos. Eu não renunciara ainda ao projeto de um livro de memórias e me consumia em tentativas, repelindo as solicitações de um presente que se insinuava, sob mil formas, no meu espírito, e disputava lugar às imagens do passado. Depois, o caderno toma a feição de Diário e nele passo a expor fatos, impressões, ingênuos pensamentos, loucas fantasias.*¹⁷

Cyro dos Anjos escreve o livro de suas primeiras memórias em 1954, mas já se vê pelo gênero escolhido para o primeiro romance e a declaração de que não renunciara ao projeto de memórias, de que vivia a vida para contá-la. *Explorações no Tempo* vai ser a primeira parte do seu livro completo de memórias que é *A Menina do Sobrado*.¹⁸ Nesse livro confirma-se o que disse Antônio Cândido sobre a cultura e erudição do seu autor (*Porque esse romance é o livro de um homem culto.*). Cyro dos Anjos

¹⁵? (autoria que se perdeu no fluxo do tempo... ah! A memória...).

¹⁶ Título do Capítulo 81, p. 205.

¹⁷ ANJOS, Cyro dos. *O amanuense Belmiro*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1994. p. 209.

¹⁸ ANJOS, Cyro dos. *A Menina do Sobrado*. Belo Horizonte: Livraria Garnier, 1994.

mostra que leu muito. Em suas Memórias lembra-se de vários autores que trouxeram-lhe mundos desconhecidos, formas de interpretar o cotidiano, revelações sobre o que era ou o que fora. Aliás, é de grande preferência dos homens memorialistas a resenha de livros e autores e de que maneira misturaram-se à sua vida e os constituíram como homens.¹⁹ Seu grande encontro de juventude, causado por uma gripe mal curada, é com Anatole France²⁰ e no capítulo a ele dedicado, intimamente intitulado *Anatole*, mais uma vez mostra como memórias, às vezes, são apenas opiniões de memorialista:

Se boa parte de sua obra será perecível - feita a amputação, a venerável múmia poderá, agilmente, varar os tempos. Opiniões de hoje, que afinal nada têm a ver com estas memórias de mocidade.

O livro começa com a lembrança de uma leitura - reforçando a eterna ciranda escrever/ler - e não uma leitura qualquer, mas a que fazia o Pai, o seu pai, em voz alta, à mesa; mesmo se o que escreve sugira um leve tom indigesto, impaciente, tom de menino que "tem mais o que fazer", lá fora, onde esperam-no a lua, a criançada, as intrigas e conversas dos grandes.

Em torno da mesa de pereiro branco, larga e comprida, cabiam os quatorze filhos e os parentes... O almoço corria sem problemas. Ao jantar, a inquietação nos assaltava: seria longo o trecho que o Pai ia ler à sobremesa?(...) Só de raro em raro o Pai abria mão dos enfadonhos e intermináveis minutos de leitura. Fazia questão de transmitir ao clã o que achara proveitoso nos livros mandados vir por intermédio de caixeiros-viajantes ou adquiridos pessoalmente, na viagem anual ao Rio. Lia pausado, intercalando comentários, sem se preocupar com a nossa ansiedade, que muitas vezes se fazia patente.(...) Como, às vezes, nos advertisse: "O trecho, hoje, é de..." - passamos a arrolar, sob a designação comum de trecho, toda aquela variada substância intelectual compulsoriamente ingerida com o pospasto.

Uma história da leitura e de leitores, suas práticas e convenções no Brasil sempre se faz melhor quando se recorre às Memórias, seja de anônimos, seja de famosos. Esse livro de Cyro dos Anjos mostra, não

¹⁹ *Cependant l'autobiographie n'est pas le seul moyen de parler de soi: parler des livres qu'on aime, c'est aussi se livrer.* MAURIAC, François. *Mémoires intérieurs*. Paris: Flammarion, 1959. (Página de rosto).

²⁰ Anatole France é o pseudônimo de JACQUES ANATOLE FRANÇOIS THIBAUT (Paris 1844 -Tours 1924). Novelista francês, vencedor do Prêmio Nobel em 1921, é frequentemente visto, pela crítica mais conservadora, como o maior escritor francês do final do 19 e início do século 20. Em suas últimas obras tornou-se um advogado de causas humanitárias, lutando pelos direitos civis e trabalhistas, educação popular e atacando em brilhantes sátiras os abusos políticos sociais e econômicos de seu tempo.

apenas a presença dos clássicos da literatura e da filosofia (e até da psicanálise) na sua formação, mas também a maneira como o autor os assimilava tendo como referência sua vida passada, simples mas gloriosa, como a dos grandes homens. A cultura erudita, os "grandes", podiam explicar muita coisa mas no fim a cultura popular, os seresteiros de Santana é que sabiam melhor. Mais uma vez, "a verdade estava na rua Erê". Em conversa com um espelho, ao final das Memórias, mas mesmo ao longo dessas, confirma o que havia mostrado desde o Amanuense, um Cyro solitário, inseguro, triste quase amargo.

Memórias! Bom ofício para quem perdeu o ímpeto criador. Não as líquides. Continua escrevendo-as... [...] Não tens, para ofertar ao leitor, a intimidade rica de um Stendhal, nem os rasgos de um Chateaubriand ou os talentos de um Rousseau. Falta-te a perspicácia de um Saint-Simon, a malícia de um Cardeal de Retz. Por outro lado, não fizeste revoluções, não fundaste religiões, não descobriste nenhuma das leis que regem o Cosmo ou comandam o homem...

E conclui em frase final, trazendo concordância a Pedro Nava na sua teoria da lembrança e do esquecimento:

Escrevo. A menina do Sobrado tece seu intérmino tapete. Envelheci. Ela continua com dezessete anos, enamorada da vida.

II

A outra parte do título (Estudos autobiográficos²¹) sugere, além de plural estudo, conjunto dos estudos, a escrita de si, a escrita tanto 'por si próprio/a', quanto 'de si mesmo/a'. É um terreno largo, vasto, infundável; difícil, ardiloso, sedutor. Para não atolar nesse terreno, escolhi pensar por escrito e alto sobre o movimento autobiográfico contemporâneo.

É preciso que se lembre que a palavra autobiografia não é a única que pode expressar o presumível conteúdo revelador de uma vida. Existem as Confissões, e se as de Santo Agostinho são muito conhecidas, as de Rousseau não o são menos, marcando mesmo, para alguns autores, o início do gênero na modernidade. Para outros seria Gide com a sua *Le le Grain ne meurt*. Mais recentemente fala-se em um 'espaço autobiográfico' no qual

²¹ Curiosidade: *Um estudo autobiográfico* é o título da pequena autobiografia de Freud, no qual o autor silencia sua vida mas faz uma interessante recapitulação da história da psicanálise.

cabe uma "autoficção".²² A palavra designa uma autobiografia que não quer dizer seu nome e uma ficção que não quer se descolar de seu autor. Há ainda as que estou chamando de "inconfessas biografias", nas quais os autores, de uma só vez ou em muitas, decidem relatar aspectos de sua vida, não todos.²³ Há as "autobiografias precoces", que foram escritas, publicadas e devoradas por curiosos de todos os tipos, nos anos 80 aqui no Brasil.²⁴

São as pessoas importantes, para si mesmas ou para outrem, que escrevem memórias e autobiografias. Algumas escrevem e rescrevem suas memórias e surge-me a hipótese de que talvez a autobiografia só possa ser escrita uma vez, mas as memórias muitas. O significativo sob o qual funciona a autobiografia não permitiria que fosse diferente: um só autor, uma só vida, uma só grafia. A memória é desdobrável e sujeita às provocações, estimulações e à subjetividade que tornam as memórias incontroláveis. Não se lembra o que se quer lembrar, assim como não se esquece o que se quer esquecer, infelizmente. Tal como o amor, que *n'a jamais, jamais connu de lois*²⁵. Para dar um exemplo, podemos lembrar o grande escritor belga, tido como francês, Georges Simenon, do quem comemora-se o centenário neste ano (1903-2003).

Georges Sim, como foi chamado no início de sua carreira, mais conhecido pela criação do personagem Inspetor Maigret, escreveu 24 livros inscritos sob o gênero memórias que são incluídos novamente em outros 66 do gênero romance. Mas como o futuro não perdoa aqueles que escrevem, seja conferindo-lhes a glória, seja sepultando-os em um doloroso esquecimento; seja confirmando suas suposições, seja desmentindo suas afirmações, a biografia de Simenon²⁶ afronta sua memória, confrontando suas memórias umas às outras e a novos documentos, novas fontes, novos depoimentos. Refiro-me apenas a um episódio em que a memória de Sim cai por terra. A mãe de Simenon era belga de língua flamenga e essa era

²² Palavra criada por Serge Doubrovski, por ocasião de seu romance *Fils* em 1977. Apud: Entrevista de Philippe Lejeune ao Magazine Littéraire em 2002. p. 23. Outros artigos no mesmo veículo explicam melhor o que é, seus alcances e impossibilidades.

²³ Por exemplo, de Bartolomeu Campos QUEIRÓS: *Indez*. (Belo Horizonte: Miguilim, 1988); *Por parte de pai* (Belo Horizonte: RHJ, 1995); e *Ler, escrever e fazer conta de cabeça* (Belo Horizonte: Miguilim, 1996).

²⁴ Para refrescar a memória: Herzer *A queda para o alto* (1982); Marcelo Rubens Paiva *Feliz ano velho* (1982); Eliane Maciel. *Com licença eu vou à luta* (1983) que deram grande incentivo à coleção Cantadas Literárias da editora Marco Zero. Vieram depois os de Fernando Gabeira: *O que é isso companheiro?*; *Crepúsculo do macho*; *Entradas e Bandeiras*. A "peste" da AIDS e a maior visibilidade dos adolescente e abandonados trouxeram *Cristiane F. drogada e prostituída* para citar apenas alguns poucos.

²⁵ Referência a Carmen, ópera de Bizet, baseada em história de Prosper Mérimée.

²⁶ MARNHAM, Patrick. *O homem que não era Maigret: a vida de Georges Simenon*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

uma das razões pelas quais a mãe de Desirée, seu pai, detestava a nora: "ela fala uma língua que ninguém entende". Em pelo menos duas de suas Memórias afirma que as mulheres da família de sua mãe falavam flamengo sempre que estavam juntas, mas em 1975, "a implacável prima-irmã de Simenon desmentiu o contexto flamengo de sua infância". Essa versão é apoiada pela mulher de Georges que se lembra de que Henriette falava um francês fluente. "Parece que na primeira autobiografia publicada Georges Simenon falsificou deliberadamente o caráter de sua mãe."²⁷ Sobre um outro traço da família, a religiosidade, Simenon fala de um primo distante, também chamado Georges, que havia sido bispo em Liège. Esse primo não existiu, mas outro acabou sendo vigário-geral da diocese algum tempo depois do que ele havia escrito; esse foi um primeiro exemplo de sua capacidade de inventar não apenas o passado mas também o futuro.²⁸

Essa biografia de Simenon como que retifica as Memórias do biografado, mostrando o caráter historiográfico (mesmo quando não é escrita por historiador, como é o caso) das biografias que necessariamente operam de um lugar social e estão submetidas às leis da pesquisa e da escrita.

Uma longa lista poderia ser feita de memórias, de confissões, de autobiografias que, sob títulos variados mostrando essa pulsão como um fato social importante, servem para dizer quem fomos, quem somos, mas também obrigam-nos a refletir porque *precisamos de todos*.

Na minha opinião, as autobiografias existem, tanto para garantir, em um inútil esforço, 'uma certa imagem certa' póstera de si, quanto para que seus autores se mantenham confortavelmente escondidos naquilo que Fernando Pessoa proclamou: a propriedade e a inalienabilidade da própria vida. A pulsão de se dar a arquivar é um combate a morte, mas também uma adesão a ela.

[276]²⁹

Se, depois de eu morrer, quiserem escrever a minha biografia,

Não há nada mais simples.

Tem só duas datas - a da minha nascença e a da minha morte.

Entre uma e outra cousa todos os dias são meus.

Talvez o autor que mais tenha escrito sobre autobiografias tenha sido mesmo Philippe Lejeune³⁰. Todos os que trabalham de alguma forma,

²⁷ MARNHAM, Patrick. *O homem que não era Maigret*: a vida de Georges Simenon. p. 36.

²⁸ MARNHAM, Patrick. *O homem que não era Maigret*: a vida de Georges Simenon. p. 39.

²⁹ PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Companhia Aguilar Editora, 1965. p. 237.

³⁰ L'autobiographie en France (1971); Le pacte autobiographique (1975); "Cher Cahier...", témoignages sur le journal personnel (1989); La mémoire et l'oblique. Georges Perec autobiographe. (1991); Le moi des demoiselles. Enquête sur le journal de jeune fille. (1993); Je est un autre. (); Les

com qualquer objetivo, com esse material conhecem suas construções teóricas, tanto sobre o gênero quanto sobre as próprias autobiografias. Em entrevista concedida ao Magazine Littéraire de maio de 2002, afirma que a força da autobiografia vem de recursos tais como a palavra testemunhal e do engajamento daquele/a que fala. Assim, o pacto autobiográfico não é apenas referencial, mas relacional, pois propõe ao leitor fazer de conta que crê e o engaja no compartilhamento de um jogo delicioso ou fascinante em que o autor pede do leitor muito mais que o autor de ficção literária o faz: ele pede que o leitor o ame, uma aprovação que concerne não apenas ao seu texto mas à sua pessoa, à sua vida. Não é pouco.

III

Mas nem só de autobiografias literárias são feitas as autobiografias. Em 1991, Philippe Lejeune e Chantal Chaveyriat-Dumoulin criaram a APA (Association pour l'Autobiographie et le Patrimoine autobiographique) Associação pela autobiografia e patrimônio autobiográfico. Graças à generosidade do município de Ambérieu-en-Bugey, vêm desenvolvendo suas atividades na mediateca da cidade. Essa associação tem uma revista que se chama *Faute à Rousseau*. No número zero da revista, Lejeune conta como a APA surgiu: em um seminário sobre o assunto que reunia universitários, arquivistas, bibliotecários, "diaristas" e autobiógrafos o desafio era pensar nos arquivos autobiográficos: como recolhê-los, conservá-los, avaliá-los e permitir o acesso para a leitura? "Chantal Chaveyriat-Dumoulin disse: 'ajude-se que o céu te ajudará'; e se fundássemos uma associação?" E fundaram. Que deu certo não se duvida: 12 anos. E se autodeclara assim: não é uma sociedade científica ou um grupo de pesquisa. É uma associação amical de pessoas interessadas pelas atividades autobiográficas. Reúne pessoas que gostam de manter seu Diário ou compor seu *récit* de sua vida e de pessoas que amam ler textos autobiográficos de outros. No site há todas as informações: como colocar um texto; como aderir; a revista com seus dossiês e seu índice geral; finalidades da associação. Foi através desse site que fiz contato com um dos associados, hispanista, que se tornou muito interessado em conhecer o que há sobre o assunto no Brasil.

brouillons de soi (1998); Pour l'autobiographie. Chroniques (1998); "Cher écran..." Journal personnel, Internet. (2000). Site na Web: Autopacte: <http://worldserver.oleane.com/autopacte/>

Ainda Philippe Lejeune, que criou, por uma vontade de intervir, de não ser mais apenas um observador, mas tornar-se um ator, participando de forma mais engajada, o site <http://worldserver.oleane.com/autopact/>.

Este site tem por objeto a escritura autobiográfica sob todas as formas (récits, diários, cartas etc.). Nele encontrarão sobretudo bibliografias e informações). Mas também alguns textos mais pessoais e por fim textos autobiográficos comentando sua prática (antologia em construção na qual só podem ser encontrados, nesse momento, Jean-Jacques Rousseau, Amiel e Marie Bashkirtseff.)

IV

Se recorrermos à Internet, www.google.com, o verbete autobiografias nos traz 7.530 respostas; se respondermos afirmativamente à pergunta para consulta em apenas em português, teremos 1.310 e se acrescentarmos +educadores 48.

Falar de si, mostrar-se, escrever de si, está no ar do tempo. Na sociedade do espetáculo, há urgência em deixar registrado o que se é, escrevendo, falando, mostrando (isto sem falar nos *reality shows*). Isso vem sendo estimulado pela mídia, mas também por pesquisas nas áreas de história, antropologia e educação em arte. A proposta de Felipe Lacerda insere-se nesse campo com o seu projeto O Desconhecido (www.odesconhecido.com.br).

A idéia central de "O DESCONHECIDO" é a de que todo mundo tem direito a ser documentado e que todos podem fazê-lo. Estamos procurando pessoas comuns, que nunca tiveram oportunidade de serem retratadas com honestidade pela mídia. Estudantes, advogados, freiras, bombeiros, médicas, pedreiros, empresárias, taxistas, pipoqueiros, arquitetos, frentistas, jovens e velhos de todas as raças e credos. A produção do projeto selecionará cerca de 10 pessoas e vai ensiná-las a usar câmera, emprestar-lhes equipamento e fitas para que elas realizem o que chamamos de "auto-documentário". Os autores das propostas escolhidas vão poder contar suas histórias, mostrar suas casas, suas famílias, suas vidas, suas idéias e suas maneiras de ver o mundo. Um verdadeiro autorretrato em vídeo no qual cada um expõe o que quer mostrar e oculta o que prefere manter em segredo.

Considerando-se que o documentário a ser apresentado à Petrobras, que patrocina o projeto, deverá ter a duração de cinco minutos, cabe perguntar o que é que se fará com o que não entrar no documentário, ou seja, o destino do resto. Qual é o destino do resto? Essa interrogação

concerne especialmente ao campo da reflexão sobre a história, seus métodos e conexões.

V

A história da educação não tem se utilizado muito do texto literário como fonte³¹, quero dizer, poderia utilizar-se mais, em uma interlocução certamente proveitosa com os estudos literários, aberta à transdisciplinaridade. No que se refere às autobiografias, vi na Internet 274 referências (autobiografias + história da educação) em português, entre as quais até a de editoras que têm em seu acervo autobiografias com fins didáticos, o que sem dúvida mascara o resultado. Na educação, uma das áreas que mais tem lançado mão da autobiografia como instrumento de trabalho é a da formação de professores. Também as pesquisas etnográficas têm produzido um volume de documentos nada negligenciável na forma de depoimentos, vídeos, filmes, entrevistas. Não nos cabe, no âmbito deste texto, comentar essas práticas e as razões de sua introdução para a formação de professores/as ou na pesquisa, *tout-court*. Mas cabe-nos sim, perguntar o que estamos fazendo com esses documentos, que tipo de arquivo estamos produzindo. Formado o professor, realizada a pesquisa, o que fazer com o resto? É desse resto que se alimenta a história. Resto guardado justamente nos arquivos, dos quais reclamamos. Os historiadores e os arquivistas do passado criaram um tipo de arquivo que nos permite fazer a história que fazemos. E nós, o que nós faremos com o que estamos produzindo?

Como mostrou Derrida³², em *Mal de Arquivo- uma impressão freudiana*, a palavra arquivo não é nada inocente mas cabe-nos, sobretudo no âmbito de sociedades e associações, responsabilizarmo-nos - sobretudo se sabemos que seu resultado é ilusório - pelo futuro da história da educação. Se a história que escrevemos é credora dos arquivos que nos foram legados (contra os quais não nos cansamos de queixar), então não podemos escapar de nos perguntarmos: que tipo de arquivo queremos? Que futuro da história da educação, mas também da própria educação queremos construir? De qualquer maneira estaremos correndo o risco de errarmos e de

³¹ Pessoalmente comprometida com esse trabalho, não posso deixar de citá-lo: GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *Amansando meninos. (escola e cotidiano na obra de José Lins do Rego)*. João Pessoa: Editora Universitária, 1998.

³² DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. *A pulsão de morte não é um princípio. Ela ameaça de fato todo principado, todo primado arcóntico, todo desejo de arquivo. É a isto que mais tarde chamaremos de mal de arquivo*. Conferir também: FARGE, Arlette. *Le goût de l'archive*. Paris: Seuil, 1987.

termos o futuro ao nosso encaixo. O arquivo é uma prática e um gesto. Uma política.

Mais uma vez repito Merleau-Ponty:

Daquilo que vivo, amanhã terei que construir uma imagem, e no momento em que o vivo não posso fingir ignorá-lo. O passado que contemplo foi vivido e, a partir do instante em que desejo penetrar em sua gênese, não posso ignorar que foi um presente. Pelo simples fato de que a ordem do saber não é a única, não se fecha sobre si mesma, e leva consigo pelo menos a lacuna escancarada do presente, a história inteira também é a ação e a ação já é história. Quer a contemplemos como espetáculo ou que a assumamos como responsabilidade, a história é uma. A condição do historiador não é tão diferente daquela do homem de ação.³³

O historiador vive o tempo presente e sua "mente é porosa"³⁴ para o esquecimento³⁵, mas é também homem/mulher de ação, e, cada vez mais, conta com a participação das novas tecnologias, para dificultar o esquecimento e facilitar a lembrança. Mas deve fazer escolhas. Por mais que se rebellem os deterministas, a história é escolha. A escolha em deixar isto ou aquilo de fora poderá privar este ou aquele da possibilidade de simbolizar o seu lugar, de situar-se numa complexa rede de forças e de analisar suas relações. É para isso que serve entrar na engrenagem...

Em uma pequena *science-fiction* retrospectiva, Derrida pergunta *Que Freud não tenha conhecido o computador muda alguma coisa?*³⁶ E podemos acrescentar: como Michelet teria construído os arquivos da França? Na verdade, essas perguntas só têm alguma utilidade se tivermos claro que é porque existe uma relação passado/presente/futuro em jogo no ofício de quem trabalha com a memória que elas podem ser feitas e repetidas vezes.

Nossa humanidade lida quotidianamente com o inevitável resto, físico ou psíquico, efeito do que quer que seja, lida que é luta contra a morte. O que se impõe ao historiador é mais árduo... Tal como ao arquivo: *O arquivo trabalha sempre a priori contra si mesmo. [...] diretamente*

³³ MERLEAU-PONTY, Maurice. A crise do entendimento. *Textos selecionados*. São Paulo: Abril Cultural, 1980 (Os Pensadores), p. 31 (*Não se trata de coincidir com o que foi vivido: trata-se de decifrar o sentido total daquilo que foi feito. Para compreender uma ação é preciso restituir seu horizonte, isto é, não somente da perspectiva do agente, mas o contexto "objetivo". Nossa relação com a história não é, pois, somente a relação do entendimento, a do espectador com o espetáculo. Não seríamos espectadores se não estivéssemos comprometidos com o passado, e a ação não seria grave se não concluísse a empresa do passado e não desse ao drama seu último ato.*)

³⁴ Porosa = tendente, propensa.

³⁵ BORGES, Jorge Luis. O Aleph. In: *O Aleph*. 11. ed. São Paulo: Globo, 1997. p. 115-128.

³⁶ DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. p. 40.

*naquilo que permite e condiciona o arquivamento só encontraremos aquilo que expõe à destruição e, na verdade, ameaça de destruição, introduzindo a priori o esquecimento e a arquiviolítica no coração do monumento.*³⁷

Segundo Derrida, o sentido de 'arquivo', seu único sentido, vem do arkeion grego: inicialmente uma casa, um domicílio, um endereço, a residência dos magistrados superiores, os 'arcontes' aqueles que comandavam. Os arcontes foram os primeiros guardiões dos documentos oficiais, cabendo-lhes não apenas sua segurança mas tinham também o direito de interpretá-los. O primeiro papel dos arcontes é hoje reservado aos arquivistas, e o segundo, aquele de intérprete, cabe ao historiador e aos críticos. Mas talvez seja preciso rever essas atribuições, que talvez não caibam mais como solução para os problemas atuais. A visão moderna atribuía à atuação do arquivista uma função que requeria neutralidade e imparcialidade³⁸. Essa visão, mono-hierárquica e centralizadora, foi substituída, com o desenvolvimento da informática, por uma perspectiva descentrada e fragmentada. Ante o número quase infinito de dados, informações e documentos, o trabalho de arquivo não pode mais ser o de mera manutenção de fundos, pois ele deve também selecionar, interpretar e deliberar o destino dos documentos: quais serão memorizados, guardados e aqueles que serão descartados, rejeitados. Estará fazendo escolhas. Quem será o arquivista do presente? A quem caberá a responsabilidade de dizer sim ou de dizer não, e nas associações do futuro prestar contas de seus atos?

A importância e complexidade do gesto arquivístico, pode ser lembrada na frase popular dita por qualquer um (aquele que diz aquilo que não sabe que sabe): *Vamos arquivar esse assunto?* Não para que o assunto viva, mas para que morra.

Mas tal como as perguntas que não querem calar, fica ainda um resto: morrerá, de fato?

Falta construir a narrativa.

Uma outra história.

³⁷ DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. p. 23.

³⁸ Terry Cook, "Arquivos Pessoais e Arquivos institucionais: para um entendimento arquivístico comum da formação da memória em um mundo pós-moderno." *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.11, n.21, 1998. p. 129-149. APUD: MARQUES, Reinaldo. O arquivamento do escritor. In: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Mello. *Arquivos literários*. São Paulo: Ateliê Editorial. 2003.

Eliane Marta Teixeira Lopes é Mestre em educação pela UFMG e Doutora em educação pela PUC-SP. Eliane Marta fez seu pós-doutorado na École des Hautes Études en Sciences Sociales, em Paris. Foi Professora Titular de História da Educação da UFMG; fez análise e escreveu diversos livros e artigos. É escritora e psicanalista.
E-mail: emtlopes@uai.com.br

Recebido em: 05/06/2003.